

REDES COMUNITARIAS com MIRADA de GENERO

# Tecendo redes que hospedam

por **Nodo TAU** (\*)

(\*) Este artigo foi feito por **NodoTAU**

no âmbito do projeto **Embracing the Roberto Arias Program 2023** coordenado por **AlterMundi** com o apoio da **Association for Progressive Communications** (APC



# Redes Comunitárias com mirada de gênero

## Tecendo redes que hospedam

"Eles diziam: 'Por que você mexe com essas coisas como o computador?' Por que você quer ir para a faculdade, mesmo que esteja cheia de homens? Por que você está sempre com ferramentas? Que se ela era macho, se ela era lésbica. Ela queria estudar sistemas.

Para ela, escalar a torre significava muitas coisas.

Conseguir isso significou quebrar muitas barreiras (...)

Ela era uma participante da rádio muito ativa e estava liderando a rede comunitária.

E para ela poder estar ciente de todas as tarefas de manutenção, como montar essa torre, foi super importante. É motivo para comemorar que uma mulher tenha coragem de escalar a torre e ter a oportunidade de fazê-lo."

*Jésica Giudice, AlterMundi*

*Elas entrelaçando redes inclusivas no Canteiro de Sementes (Semillero)*

## ***Internet é um Direito Humano***

Em 27 de junho de 2016, a Assembleia Geral das Nações Unidas estabeleceu a promoção, proteção e gozo dos direitos humanos na Internet e reconhece sua "força motriz na aceleração do progresso em direção ao desenvolvimento em suas várias formas". Salienta ainda "a importância de uma abordagem baseada nos direitos humanos para facilitar e expandir o acesso à Internet, apelando a todos os Estados para que façam tudo o que estiver ao seu alcance para suprir as múltiplas formas de lacuna digital".<sup>1</sup>

Entretanto, de acordo com o relatório sobre a conectividade mundial 2022 da União Internacional de Telecomunicações, nos últimos 30 anos, o número de pessoas conectadas à internet passou de alguns milhões para quase 5 bilhões, que é um número que ainda deixa

---

<sup>1</sup> Assembleia Geral de Nações Unidas (27 Junho 2016). *Promoção, proteção e gozo dos direitos humanos em Internet*. Disponível em [https://ap.ohchr.org/documents/S/HRC/d\\_res\\_dec/A\\_HRC\\_32\\_L20.pdf](https://ap.ohchr.org/documents/S/HRC/d_res_dec/A_HRC_32_L20.pdf)

um terço da humanidade (2,9 bilhões de pessoas) sem acesso à internet e muitos desses/as usuários/as só desfrutaram de conectividade de base.<sup>2</sup>

"Ter dispositivos digitais, acessar a Internet, conhecer e apropriar-se das novas plataformas, criar aplicativos e inovar em software, são algumas das habilidades necessárias para atingir o benefício do desenvolvimento tecnológico", disse Patricia Peña, coordenadora do Curso de Formação Profissional em Comunicação Digital da Universidade do Chile, em um artigo<sup>3</sup> publicado no portal [Genderit.org](https://genderit.org).

A lacuna digital nada mais é do que o reflexo da lacuna social no mundo digital. Essa desigualdade de acesso não é a única variável que amplia a lacuna. Existe uma dimensão qualitativa dos indicadores ligada a "como se tem acesso", ou seja: acesso a que internet e a que serviços associados a esta tecnologia (redes sociais, motores de busca, streaming ou serviços governamentais online, saúde, educação, etc.) e com que qualidade e velocidade de conexão.

Embora o ideal seja que todas as pessoas tenham acesso igualitário à Internet e às novas tecnologias, esse acesso não é igual entre homens e mulheres. Em parte, é disso que trata a chamada "divisão de gênero digital": em todo o mundo, 62% dos homens usam a Internet, em comparação com 57% das mulheres, de acordo com o relatório da UIT mencionado acima.<sup>4</sup> Na América Latina, "a lacuna de gênero digital tem rosto de mulher" e se aprofundou durante a pandemia de Covid-19, gerando falta de conectividade e impossibilidade de desenvolvimento da mulher e de sua família em contextos educacionais e de trabalho.<sup>5</sup>

Essa forma desigual de acesso também está ligada a um fator chave: a relação entre mulheres e tecnologia como questão sociocultural; ligada a papéis históricos, estereótipos de gênero, de biologia e mitos patriarcais baseados na premissa de que o mundo tecnológico não é para mulheres. O protótipo do internauta geralmente é identificado como homem, branco, com menos de 30 anos, nível socioeconômico alto ou médio e escolaridade alta ou moderada.<sup>6</sup>

---

<sup>2</sup> União Internacional de Telecomunicações (2002). Relatório sobre a Conectividade Mundial 2022. Disponível em [https://www.itu.int/itu-d/reports/statistics/wp-content/uploads/sites/5/2022/06/22-00399A\\_WTDC\\_Connectivity-report\\_Executive\\_summary\\_S.pdf](https://www.itu.int/itu-d/reports/statistics/wp-content/uploads/sites/5/2022/06/22-00399A_WTDC_Connectivity-report_Executive_summary_S.pdf)

<sup>3</sup> CIMAC Notícias (2015) Lacuna digital nega às mulheres o acesso à tecnologia. <https://genderit.org/node/4562>

<sup>4</sup> Mencionado por Mondelo, I. (29 Agosto 2022) Redes comunitárias e liderança feminina, em Newsletter Sempre cyborg, nunca deusa.

<sup>5</sup> Peña, P. (2021) Lançamento web Projeto Reconnectadas: «Construindo Internet comunitária com lentes de gênero». Disponível em <https://datosprotegidos.org/conversatorio-reconnectadas-internet-comunitaria-con-enfoque-de-genero-y-feminista/>

<sup>6</sup> Peña, P. (2016) Acesso a Internet: além dos cabos, governança ao serviço das pessoas e comunidades. Disponível em <https://genderit.org/node/4792>

Um relatório visual realizado com a coordenação do NIC.ar junto com várias organizações dedicadas ao trabalho sobre mulheres, gênero e tecnologias da informação e comunicação na Argentina,<sup>7</sup> concluiu que em 2018 as mulheres tiveram 26% menos chances de usar a internet móvel em relação aos homens, que 16,34% das mulheres não têm acesso à Internet e cerca de 9% das que têm não sabem como usar a rede. Além disso, nas carreiras relacionadas à programação apenas 16% são mulheres e na indústria de tecnologia as mulheres ocupam apenas 21% dos cargos de liderança e 3% em cargos de gestão.

O problema da lacuna digital de gênero refere-se principalmente à impossibilidade de mais mulheres terem acesso e usarem as tecnologias digitais na mesma proporção que os homens e exercerem o direito humano a oportunidades de aprendizagem, emprego, acesso a serviços e participação no debate democrático. Fechar a lacuna digital significa a oportunidade -para as mulheres- de aproveitar todas as vantagens que o uso das tecnologias implica e também de participar das decisões que têm a ver com seu desenvolvimento e incorporação.

A partir desta perspectiva, a exclusão digital é uma forma de violência, pois a falta de acesso e uso de tecnologias não é apenas uma violação a um direito humano, mas também uma marginalização direta das mulheres do desenvolvimento. Neste sentido, é também importante salientar que as tecnologias da informação e comunicação são transversais aos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas,<sup>8</sup> uma vez que afetam as possibilidades e potencialidades do desenvolvimento humano em vários aspectos, tanto na sua promoção como na sua limitação.

Historicamente, o lugar da mulher esteve vinculado às tarefas de cuidado do lar e da família como principal função nas comunidades. Tarefas que na sua maioria não são reconhecidas economicamente, que se baseiam no cuidado das pessoas, dos espaços, no realizar trabalhos e que geralmente são socialmente assumidas como tarefas femininas. Estas limitações estruturais, simbólicas e patriarcais dificultam a possibilidade de assumir outros papéis e aprendizagens ligadas ao mundo tecnológico e em particular às tecnologias digitais da informação e comunicação.

Por outro lado, a construção da masculinidade está profundamente ligada à força, à manipulação de máquinas, ao uso de tecnologia, à manipulação de ferramentas potentes ou barulhentas e ao trabalho em altura, seja em torres ou telhados. Conforme mostrado em *Viaje ilustrado de mujeres por las redes comunitarias*, de Bruna Zanolli e Cynthia el Khoury Illustrated Women's Journey Through Community Networks: “Assim, por exemplo, se um pai ou avô quer ajuda com uma tarefa que envolve ferramentas ou qualquer outro tipo de

---

<sup>7</sup> Genderit (25 Junho 2019) Argentina: eliminar barreiras para fechar a lacuna digital de gênero”.Disponível em <https://genderit.org/node/5292>

<sup>8</sup> PNUD.Los ODS em ação.<https://www.undp.org/es/sustainable-development-goals>

trabalho relacionado à mecânica, eletricidade e engenharia, o mais provável é que ele chame os filhos ou netos (...) Desigualdades nas relações e dinâmicas de poder geram uma falta de respeito geral para com as mulheres”.<sup>9</sup>

## **Construção de espaços comunitários e feministas para o acesso:**

### ***“Meu gênero não define o que eu sou capaz de fazer”***

As redes comunitárias são um modo de soluções de conectividade autônoma que permitem a redução da exclusão digital e a conexão nas comunidades sem acesso a internet. “Apresentam-se como solução em populações negligenciadas pelo mercado, como populações rurais e bairros pobres. São redes digitais auto gerenciadas por pessoas que se organizam sem fins lucrativos para resolver sua própria situação de conectividade exercendo seu Direito à Comunicação” define a AlterMundi, organização comprometida e referência na promoção de experiências de conectividade comunitária”.<sup>10</sup>

As redes comunitárias podem envolver a conexão à Internet, também podem envolver o desenvolvimento de uma rede comunitária interna ou intranet, e também há experiências que envolvem a implantação de redes de telefonia celular. São grandes aliados nos processos de apropriação de tecnologias e na busca por autonomia, pois são as próprias comunidades e grupos que assumem o desafio de criar sua própria infraestrutura de comunicação e inovar no uso dessas tecnologias, adaptando-as às suas necessidades e interesses.<sup>11</sup> A apropriação da tecnologia é fortalecida porque são as comunidades que sustentam as redes, agregando os conhecimentos e habilidades necessárias para o seu funcionamento, sua manutenção e, eventualmente, sua criação também.

“As redes comunitárias se constituem como coletivos, comunidades indígenas ou organizações da sociedade civil sem fins lucrativos, que exercem seu direito à comunicação, sob os princípios de participação democrática de seus membros, equidade, igualdade de gênero, diversidade e pluralidade” afirma o documento de consenso para as experiências que participou em setembro de 2018 na Cúpula Latinoamericana de Redes Comunitárias.<sup>12</sup>

---

<sup>9</sup> Bruna Zanolliy Cynthiael Khoury (31 Outubro 2019) Viagem ilustrada de mulheres pelas redes comunitárias. Genderit.org. Disponível em <https://www.genderit.org/es/feminist-talk/edicion-especial-viaje-ilustrado-de-mujeres-por-las-redes-comunitarias>

<sup>10</sup> AlterMundi <https://AlterMundi.net/>

<sup>11</sup> Mondelo, Ivana. (29 Agosto 2022) “Redes comunitárias e liderança feminina” em Newsletter “Sempre cyborg, nunca deusa” <https://us10.campaign-archive.com/home/?u=d580a3ec6fee9dd4ce912e4c0&id=b6aea8a715>

<sup>12</sup> Documento Cúpula~Latinoamericana de Redes Comunitárias (Setembro 2018) [https://AlterMundi.net/media/uploads/documento-final\\_CLRC-2018.pdf](https://AlterMundi.net/media/uploads/documento-final_CLRC-2018.pdf)

“Enquanto as mulheres são as guardiãs da tecnologia corporal, ambiental e mística, elas estão distanciadas de seu direito de acesso às plataformas digitais”.<sup>13</sup> Um dos grandes desafios das redes comunitárias, que já florescem em várias geografias, é questionar, envolver e incentivar a participação de mulheres das comunidades para planejá-las, desenhá-las, instalá-las e sustentá-las. As paisagens, climas e idiosincrasia inerentes aos locais onde estas experiências decorrem são diversas, mas as vivências coletivas têm muito em comum nos diferentes territórios.

Na Argentina existem várias experiências de Redes Comunitárias, tanto urbanas como rurais, que permitem oferecer conectividade naquelas áreas onde as empresas não investem ou onde os recursos para pagar o serviço são escassos e os custos tornam-se inacessíveis. Em todas essas experiências, a perspectiva de gênero permite encontrar os traços de um sistema patriarcal que não garante por si só a participação das mulheres. Desde pressupostos e estereótipos que associam mais o homem à realização de tarefas tecnológicas, até a atribuição inquestionável de tarefas de cuidado e domésticas, que não são reconhecidas e não deixam tempo para outras tarefas.

Na perspectiva de gênero, a realidade das mulheres fica evidente em alguns dados estatísticos. Na Argentina, segundo o último censo, a taxa de desemprego formal das mulheres é de 22%, o dobro da taxa de desemprego do censo geral do país.<sup>14</sup> Muitas dessas mulheres estão organizadas em cooperativas e espaços de economia popular. 34 por cento delas indicam como ocupação mais relevante as tarefas domésticas que não têm salário.

As redes comunitárias põem em jogo esta tensão a partir de sua própria definição: por um lado são redes tecnológicas, que se desenvolvem para resolver a conectividade, tarefa que envolve conhecimentos técnicos e tarefas, algumas muito simples, outras bastante complexas. Mas também o fazem a partir do contexto comunitário que, a partir dos mesmos estereótipos que excluem as mulheres do tecnológico, é priorizado para as mulheres porque é o âmbito de apoio para a vida cotidiana, tarefas domésticas, cuidados com as pessoas mais velhas e crianças.

## Experiências e geografias

Atalaya Sur é uma rede implantada na Villa 20 da Cidade de Buenos Aires que se destaca como uma experiência urbana. A rede começou em 2014 a partir de uma estação de rádio

---

<sup>13</sup> Cynthia el Khoury e Kathleen Diga (2019) “Círculos de mulheres que fundamentam e sustentam Redes Comunitárias” Disponível em

<https://genderit.org/es/editorial/circuitos-de-mujeres-que-fundamentan-y-sostienen-redes-comunitarias>

<sup>14</sup> CEPAL (2021) Disponível em

<https://www.cepal.org/es/publicaciones/46633-la-autonomia-economica-mujeres-la-recuperacion-sostenible-igualdad>

comunitária com um ponto público de acesso à Internet; em 2019 a rede cobriu 60 lares. A pandemia de Covid-19 e o isolamento social preventivo e obrigatório evidenciaram ainda mais a falta de políticas públicas, desde infraestruturas à água e conectividade, recurso que se tornou essencial neste contexto, principalmente para apoiar a escolarização.

Manuela Gonzalez Ursi, membro da Atalaya Sur, define as redes "como atores fundamentais na universalização do acesso à Internet e na apropriação tecnológica das comunidades", e aponta que atualmente existem 700 famílias conectadas graças a uma antena que instalaram e mantêm de forma coletiva e auto gerenciada, tarefas lideradas principalmente por mulheres. Além disso, trabalham fortemente na apropriação social da tecnologia com oficinas de formação tecnológica para crianças e adolescentes.<sup>15</sup>

As integrantes e gestoras da Atalaya Sur passaram juntas pelo processo de formação em uma nova tecnologia, para poder implantá-la no bairro, administrar, buscar financiamento, reconhecer ferramentas, aprender a linguagem tecnológica e aceder a um mundo de possibilidades em torno do trabalho baseado na formação das jovens nestas tarefas.

"Elas sabem que não há limitações, são as fundadoras de uma rede Wi-Fi de bairro, que construíram aprendendo a cada passo, porém, ao entrarem no mundo técnico para conseguir convênios com empresas ou empregos para jovens, observam muitos alarmes porque é um tipo de trabalho que vem de mãos dadas com uma formação totalmente machista.<sup>16</sup> "As pessoas sempre ficam surpresas ao verem que eu estou trabalhando, eu procuro lhes dizer que o meu gênero não define o que sou capaz de fazer", diz Yamila com 20 anos."

A uns 800 km da Villa 20, em José de La Quintana, povoado serrano da província de Córdoba foi criada Quintana Libre, uma rede comunitária de internet que conecta a mais de 70 famílias e se mantém há más de 11 anos. Virginia Sosa, integrante da experiência conta no documentário "Comunidades fazendo Internet"<sup>17</sup> que sentiu a "necessidade de ser um pouco mais autônoma e poder aprender, entender como funciona e, caso necessite, poder resolver sem estar esperando que uma outra pessoa resolva pra mim".

No bairro La Perla da cidade de Alta Gracia, também na província de Córdoba, um grupo de mulheres se organizou para realizar vários empreendimentos. Recentemente, elas somaram o projeto de desenvolver uma rede de acesso à Internet para sua comunidade. Hoje são 9 dentro do projeto rede comunitária e são um exemplo do aprendizado necessário para

---

<sup>15</sup> Nodo TAU (2022) "Internet rights in a pandemic: How civil society organizations advocated for rights and better policies" Disponível em <https://www.giswatch.org/en/country-report/argentina>

<sup>16</sup> Carrete, M. (29 Julho 2022) "Uma rede wifi própria na Villa 20 instalada por mulheres" Suplemento Las12 do jornal Página 12. Disponível em <https://www.pagina12.com.ar/440366-una-red-de-wifi-propia-en-villa-20-instalada-por-mujeres>

<sup>17</sup> Alter Mundi. (14 Março 2020)

realizar a experiência. A comunidade de La Perla é uma das 15 comunidades que participaram do Canteiro de Sementes (*Semillero*) de Redes Comunitárias de candidatos ao Programa Roberto Arias<sup>18</sup> coordenado pelo AlterMundi, com apoio da Associação para o Progresso das Comunicações (APC) e da organização 48%.

O *Semillero* é uma experiência de formação, capacitação e desenvolvimento coletivo que acompanha as comunidades no processo de projetar e criar uma rede comunitária. Existem várias organizações que têm um grande papel e predominância da participação das mulheres e há muitos casos que ocorrem no *Semillero* em que a perspectiva de gênero é colocada em jogo e a possibilidade de uma revisão vai de encontro à garantia da participação das mulheres. Em um dos encontros que foram realizados virtualmente, as mulheres de La Perla compartilharam seus esboços, desenhados à mão livre, pintados em cores e com os pontos escolhidos para a rede. Esse grupo de mulheres focalizadas no projeto reflete sobre o novo espaço que estão ocupando e os aprendizados que isso traz. “A gente sempre acha que isso é coisa de homem e mulher se dedica a coisa de mulher. Em vez disso, agora nós as fazemos, para aprender e fazer algo que é um trabalho. Nós, as mulheres, também participamos do que está ao nosso alcance”.<sup>19</sup>

A participação das mulheres nos processos de aprendizagem, construção e apoio de redes comunitárias é um desafio a ser trabalhado. Colocam-se em jogo os papéis historicamente atribuídos, lugares de cuidado que não podem ser facilmente reatribuídos e nos quais elas permanecem presas. É preciso criar e manter estratégias sensíveis à perspectiva de gênero que permitam entender por que as mulheres têm obstáculos para participar.

“As reuniões para aprender tarefas técnicas, como montar o cabeamento de rede, são um dos espaços que permitem harmonizar o doméstico, a família, a comunidade e o técnico. Dois aspectos centrais são postos em jogo para rever a forma como as mulheres se unem na construção de redes. Por um lado, que as mulheres sejam explicitamente convocadas a participar e, por outro, que tenham condições que as acomodem levando em consideração suas realidades”, aponta a Relatoria do *Semillero*, que se concentra nas questões de gênero da experiência.<sup>20</sup>

“Compreender as condições pelas quais as mulheres não estão envolvidas nesse processo é o primeiro passo para fazer dinâmicas adequadas. Às vezes as mulheres querem participar e não podem, ou elas querem participar e nunca ninguém perguntou para elas se elas querem

---

<sup>18</sup> O Programa Roberto Arias é um programa do ENACOM que destina fundos do Serviço Universal a projetos de implantação de redes comunitárias.

<sup>19</sup> Nodo TAU (2022) Relatoria 7/Elas entrelaçando redes inclusivas no Canteiro de Sementes.(Semillero) Disponível em

<https://tau.org.ar/notas/relatoria-7-ellas-entrelajando-redes-inclusivas-en-el-semillero/>

<sup>20</sup> Nodo TAU (2022) “Relatoria 7 / “Elas entrelaçando redes inclusivas no Canteiro de Sementes. (Semillero)”. Disponível em <https://tau.org.ar/notas/relatoria-7-ellas-entrelajando-redes-inclusivas-en-el-semillero/>

participar. (...) Às vezes elas são excluídas da próprio chamado de seleção. Se o convite for muito técnico, por exemplo, não são convocadas”, diz Jéssica Giudice, integrante do AlterMundi e coordenadora da experiência do *Semillero*. Reforçando esse convite para revisar cada detalhe, Jéssica recomenda, por exemplo, que durante as reuniões não seja atribuída à mulher a tarefa de cozinhar durante a jornada. “Às vezes elas colocam e às vezes elas se colocam nessa tarefa. A mulher que trabalha no refeitório não deve estar obrigada a cozinhar. Ela pode participar da reunião para aprender e pedir para outra pessoa cozinhar naquele dia”.

Outros aspectos a ser levado em consideração é examinar o papel socialmente atribuído às mulheres de cuidado. “Que haja pelo menos por um tempo alguém para cuidar das crianças, que haja espaços para meninos e meninas, uma manta no chão com brinquedos, se estivermos na praça, que estejamos perto dos brinquedos. Se os recursos permitirem, que tenha até alguém dedicado a esse cuidado. As instâncias de citação devem contemplar esse aspecto”.

As Mulheres sofrem múltiplas manifestações de opressão em sua relação com os ambientes digitais: desde a negação do acesso às tecnologias quando crianças até seu correlato na baixa representatividade das mulheres nas carreiras tecnológicas. Isso também se reflete na baixa participação das mulheres em todos os tipos de espaços de trabalho e reflexão em torno da tecnologia. Nas tarefas diárias, em muitos casos, o trabalho das mulheres permanece invisível ou é dado como certo. Além de sofrer preconceitos de gênero em relação às mulheres coordenadoras comunitárias ou tecnólogas, rotulando-as como "algo exótico", estereotipando ou subestimando seus conhecimentos e habilidades apenas por serem mulheres.<sup>21</sup>

Às vezes, essas limitações são expressas não com a intenção de excluir, mas partindo do pressuposto de que devem ser cuidadas, de que a mulher é frágil e fraca. O *Semillero* oferece vários exemplos disso. Como as tensões ao realizar certas tarefas pesadas ou escalar a torre, por exemplo. “Perceber esse tipo de situação e encontrar as propostas para resolvê-las é algo que se aprende com a observação e com o diálogo”, destaca Jéssica. “Facilitar um espaço para falar sobre essas coisas. Prestar atenção no nível de participação das pessoas que foram incentivadas a ir com seus filhos. Pesquisar sobre o que as impede de participar e como sua participação pode ser facilitada”. O *Semillero* se aprofunda nessas observações. Uma metodologia promovida nas reuniões presenciais é a da participação rotativa, isto é, convidar o grupo a garantir que todos os seus membros possam realizar todas as tarefas, tendo em conta a rotação de papéis, especialmente quando alguém manifesta medo, ou não assume algumas tarefas porque é retraída ou tímida.” O slogan era

---

<sup>21</sup> Zanolli, B.y elKhoury, C. (2019) “Viagem ilustrada de mulheres pelas redes comunitárias” Disponível em: <https://genderit.org/es/feminist-talk/edicion-especial-viaje-ilustrado-de-mujeres-por-las-redes-comunitarias>

evitar "deixa que eu faço" por "você quer fazer" e convidar todos a se animarem. Dinâmicas desse tipo mostram que ampliar o olhar, conscientizar sobre a inclusão da mulher também contribui para a inclusão de todos, mesmo daquelas que, por outros motivos pessoais ou sociais, se afastam da participação e da assunção de determinados papéis.

A experiência do *Semillero* também mostra que algumas atividades específicas, como tarefas manuais -montagem do cabeamento de rede ou soldagem- e também algumas tarefas de logística tornam-se um lugar mais conhecido para as mulheres das comunidades. "O cabeamento de rede é um cabo formado por 8 filamentos finos que devem ser meticulosamente manipulados e organizados dentro de um pequeno conector. Em geral, as mulheres são mais eficientes na montagem do cabeamento de rede, talvez por terem mãos menores, ou por uma questão de coordenação motora fina. Também é comum que as mulheres soldem melhor que os homens. Há casos de empresas que preferem mulheres para essas tarefas, porque elas fazem melhor. Há também tarefas de logística e manutenção, tarefas de planejamento de longo prazo, acompanhamento, geração de agenda, definição de rotinas, metodologias, que são principalmente suportadas por mulheres. Isso não quer dizer que os homens não possam fazê-las e muito bem. Isso nós pudemos ver nas experiências das comunidades. Por isso recomendamos às comunidades que ainda não conseguiram, que incorporem as mulheres em suas dinâmicas de redes, e que o façam intensamente" Jéssica sugeriu em um dos encontros de *Semillero* que se aprofundaram na análise de gênero.

## **Espaços para levantar a voz, contar a história, projetar o futuro**

O patriarcado não conhece fronteiras. Falar do trabalho de cuidado como um papel atribuído ao gênero e, como obstáculo à participação e protagonismo das mulheres nas redes comunitárias, também é algo que está narrado na experiência da comunidade de Marrecas, Brasil, contada<sup>22</sup> por Aline Lima para o [genderit.org](https://genderit.org): "nas oficinas da rede comunitária, a participação feminina sempre foi muito baixa. As mulheres só eram maioria quando havia festas, porque eram elas que preparavam as refeições e as decorações e faziam a limpeza no final".

Os projetos em rede não são apenas uma oportunidade de conectividade auto gerenciada e econômica para as comunidades, mas também espaços de formação e apropriação social da tecnologia e que possibilitam a construção de redes de experiências e pessoas. "O resgate das histórias das mulheres deve ser pensado com urgência em todos os tempos e espaços possíveis. A comunicação de suas necessidades, expectativas e desejos deve ser discutida e

---

<sup>22</sup> Lima, Aline (2021) Trabalho doméstico e falta de liderança das mulheres nas Redes Comunitárias. Disponível em <https://genderit.org/es/feminist-talk/trabajo-domestico-y-falta-de-liderazgo-de-las-mujeres-en-las-rede>

apresentada muito além das discussões propostas pela grande mídia, que afirma que o lugar natural da mulher é no cuidado da família e do lar e não no mercado de trabalho, na política, estudando ou empreendendo”.<sup>23</sup>

Enquanto os sistemas patriarcais consideram útil excluir e isolar mulheres e dissidências, a resposta feminista e comunitária é fortalecer as redes. Trocar histórias, tradições e experiências com a tecnologia são instâncias que fortalecem vozes e práticas, para serem visíveis e fazerem parte da experiência coletiva e tecnológica. O citado relatório sobre “Círculos de mulheres que fundam e sustentam redes comunitárias”<sup>24</sup> reflete como “algumas mulheres recriaram esses espaços em diferentes espaços-tempos onde a profundidade das conexões e tecnologias são constantemente questionadas ou retornadas às suas raízes. Afinal, os avanços na tecnologia de comunicação nos permitem 'conectar como humanas' e 'relacionamentos e intimidade são o que realmente importa'. Como nós estamos fazendo com que nossas conexões sejam importantes?”<sup>25</sup>

## **Desafios: redes comunitárias para todos**

Pensar a transversalidade da perspectiva de gênero em todo o processo e trabalho das redes comunitárias nos leva a refletir sobre o lugar, também invisível, das identidades de gênero dissidentes nas comunidades. Também é necessário promover e incentivar a sua participação com estratégias específicas de inclusão. É de vital importância e parte fundamental de uma perspectiva de gênero no trabalho comunitário, tornar visível sua experiência única e situada, certamente diferente da das mulheres cisgênero.

Um olhar feminista sobre as redes comunitárias implica também identificar o que é preciso para garantir o envolvimento das mulheres e, da mesma forma, das pessoas transgênero e/ou pessoas da comunidade LGBTQ+ que são excluídas devido à atuação hegemônica da masculinidade na maioria dos espaços.

Nos Princípios Feministas para a Internet,<sup>26</sup> que visam “trabalhar para empoderar mais mulheres e pessoas queer – em toda a nossa diversidade – para desfrutar plenamente de nossos direitos, se envolver em prazer e diversão e dismantelar o patriarcado”, define a Internet como um espaço político transformador , viabilizador de novas formas de cidadania. Ali, também se propõe desafiar os espaços e processos patriarcais que controlam

---

<sup>23</sup> Lima, Aline. (2021) Op. Cit.

<sup>24</sup> Cynthia el Khoury e Kathleen Diga. Genderit.org (2019) <https://genderit.org/es/editorial/circulos-de-mujeres-que-fundamentan-y-sostienen-redes-comunitarias>

<sup>25</sup> Cynthia el Khoury e Kathleen Diga (2019) Op. cit.

<sup>26</sup> PDM de APC (2016- atualizado setembro 2022) <https://www.apc.org/es/pubs/principios-feministas-para-internet-version-2>

a governança da internet e incluir mais feministas e queer nas tomadas de decisão como forma de democratizar espaços e políticas.<sup>27</sup>

Cynthia el Khoury e Kathleen nos convidam a pensar, a partir da definição de governança, como a construção de redes comunitárias “permite questionar constantemente quem está e quem não está na sala quando são tomadas decisões sobre os pontos de acesso, a finalidade e a usabilidade da conectividade.” As redes comunitárias nos levam a refletir e a nos perguntarmos “quais são os valores que moldam os modelos de governança?”. A partir da experiência do círculo de mulheres realizado durante o Encontro LocNet 2022 na Colômbia, Jéssica Giudice acrescenta que “não basta que as mulheres participem dos encontros ou que haja uma porcentagem de mulheres presentes. “É preciso que se confie às mulheres a tomada de decisões sobre a construção dos espaços (participativos ou não), sobre as dinâmicas que sustentam os espaços, os encontros, os foros. Que sejam mulheres feministas as que estabeleçam as pautas de comunicação, de participação, os tempos, localização de participantes”.<sup>28</sup>

As experiências comunitárias tornam-se constelações para pensar outros mundos possíveis de forma coletiva e situada. Repensar a comunicação e as tecnologias nos permite problematizá-las como relações de poder e, ao mesmo tempo, pensar na construção da soberania sobre elas e que “é possível gerar outros traços, encontrar formas particulares de compreendê-las e apropriá-las”.<sup>29</sup>

Experiências metodológicas para a criação e implementação coletiva de redes comunitárias, como o *Semillero* de Redes Comunitárias na Argentina e também outras experiências como a Community Techio, no México geram uma comunidade de troca, de práticas e saberes no qual a formação “não se baseia na tecnologia em si, mas nos valores e princípios da comunidade”.<sup>30</sup> As experiências criam espaços de encontro, formação e promoção de direitos das comunidades e, em particular, das pessoas que trabalham em comunicação comunitária, acompanhando o nascimento das redes. Esses processos são alimentados pelas vivências territoriais, pela diversidade de saberes e formas de compartilhar saberes, respeitando o espaço e a margem para assumir a revisão e reflexão da prática de todos, todas e todes, em benefício da própria comunidade. Cabe destacar um parágrafo à parte que esses espaços e estratégias de formação para as comunidades são inspirados, baseados e desenvolvidos a partir dos tubos de ensaio e contribuição da educação popular como metodologia relacionada à abertura de espaços, inclusão e apropriação de saberes. A

---

<sup>27</sup> APC (Publicado 2016. Atualizado 2023) Princípios feministas para internet. Versão 2. Disponível em <https://www.apc.org/es/pubs/principios-feministas-para-internet-version-2>

<sup>28</sup> AlterMundi. Sobre o Encontro Locnet 2022 na Colômbia.

<https://AlterMundi.net/2022/11/17/encuentro-locnet-2022/>

<sup>29</sup> Redes AC (2021) “A autonomia tecnológica como constelações de experiências” APC

[https://www.redesac.org.mx/\\_files/ugd/68af39\\_ef82b4d8a6a445918217a42d8a1028a6.pdf](https://www.redesac.org.mx/_files/ugd/68af39_ef82b4d8a6a445918217a42d8a1028a6.pdf)

<sup>30</sup> Redes AC (2021)

educação popular desde os seus inícios nas propostas de Paulo Freire até as experiências que continuam a trilhar esse caminho até hoje, se afirmam na democratização da palavra, no empoderamento de todes, e na construção do conhecimento agregando todas as perspectivas. Nesse sentido, a educação popular e a perspectiva de gênero promovidas a partir dos feminismos populares nas comunidades, fortalecem vínculos, focos e objetivos e são acolhidas nas experiências das redes comunitárias.

As redes comunitárias de internet são muito mais do que uma infraestrutura de acesso e compartilhamento da internet. São também experiências de comunicação, processos organizacionais e gestão de tecnologias a favor dos sonhos, desejos, necessidades e problemas das comunidades. “Antes de tudo, são uma rede de pessoas que promove a autonomia da comunidade e de seus membros, garantindo-lhes o direito à comunicação e à liberdade de expressão. No entanto, para promover o bem-estar e o bem viver, é preciso respeitar os saberes e a cultura local, garantindo o respeito à diversidade e à igualdade de todos. (todas e todes).<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> Lima, A. (2021) Trabalho doméstico e falta de liderança das mulheres nas Redes Comunitárias. Disponível em <https://genderit.org/es/feminist-talk/trabajo-domestico-y-falta-de-liderazgo-de-las-mujeres-en-las-redes-comunitarias>